



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

SURPRESAS DO ANO NOVO

POR VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑÉ

VOU contar aos meus amiguinhos um caso extraordinário que me sucedeu.

Esse facto coincidiu, exactamente, com o começo do Novo Ano.

Pareceu-me um bom preságio como se eu entrasse nêlo com o pé direito e, comigo, tôdos vós, bons amiguinhos, que me lêem.

Os meninos calculem o meu pasmo quando, ao acordar uma manhã destas, vi, sôbre o meu toucador, uma caixa, muito linda, de sêda côr de rosa.

Quem a teria ali pôsto?

A criada não entrara ainda no quarto, como depois indaguei.

Na véspera não estava ali a caixa misteriosa e, pelo correio, não viera!...

Seria de bombons?...

Cheguei-me mais, para a observar, e vi que, na tampa, estava escrita qualquer cousa.

Li, então:

—Abre a caixa misteriosa,
sem receio!
Não estejas assim nervosa,
nesse anseio!

Abri-la-ás, com certeza,
com cautela.
Logo verás a surpresa,
dentro dela. —

Dizer-lhes que não foi a medo que lhe toquei, seria pêta; e lá que estava nervosa também era verdade.

A aparição da tal caixa era estranha, era estranho o que estava escrito em cima dela, por isso, eu tremia, mesmo sem querer!

Por fim, decidi-me!

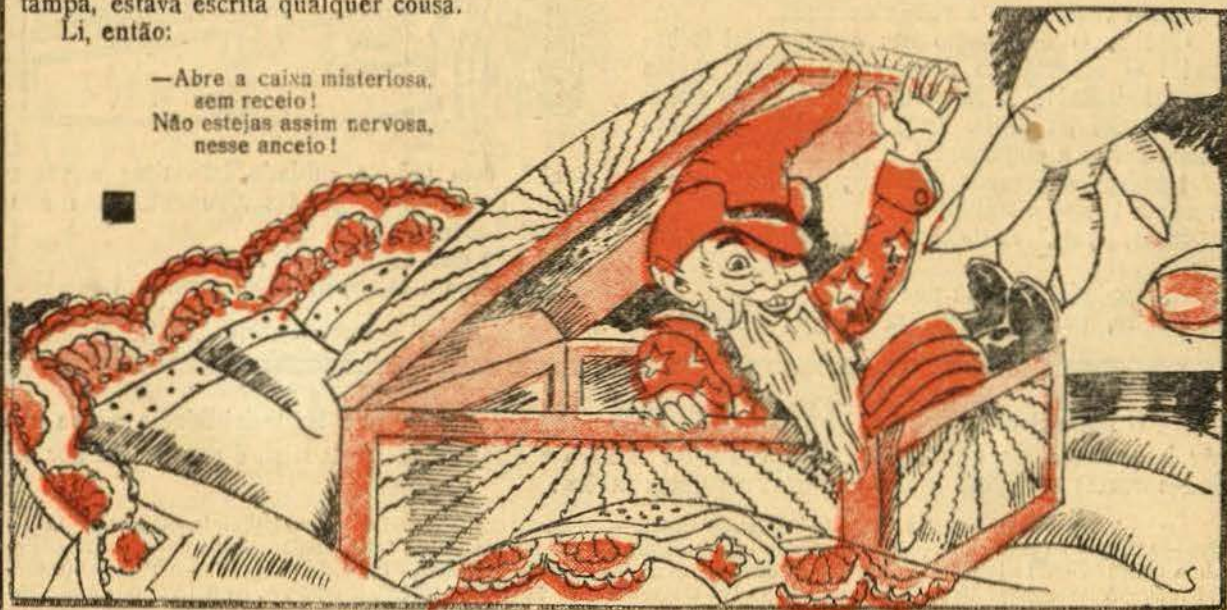
A caixa não havia de ficar por abrir!

Se lá dentro trazia uma surpresa!...

Bumba entre os meus dedos nervosos, a tampa saltou e, lá de dentro, o que havia de sair?

Um pequenino Anão, aos pulinhos, aos saltinhos.

(Continua na pag. 6)



CONSELHOS AOS MEUS AMIGUINHOS



■ Por GRACIETTE BRANCO ■

MEUUS meninos: Não venho, neste pequeno espaço, substituir as vossas carinhosas e previdentes Mãezinhas, que, melhor do que eu, saberão aconselhar-vos, ensinando-vos todos os deveres e obrigações de mentnos arranjados. Desejo, apenas, auxiliá-las na sua grandiosa tarefa, poupando-lhes uma pequena parcela da sua nobre missão de educadoras.

O tempo é precioso e poderão ter bebês mais novinhos, cujos cuidados deixem, à Mãe, poucas horas de sobra.

Vamos pois, começar.

Para a educação ser completa, necessário se torna que de muito novinhas, as crianças sejam iniciadas nos mais simples pormenores da ordem, do método, do arranjo.

AS GAVETAS

EU sei, vejo daqui do cantinho onde estou escrevendo, que a Mãezinha tem as vossas gavetas arranjadas na perfeição. Divididas, em rumas, as camisas, camisolas de algodão, camisolas de lã, cuecas, pijamas de verão, pijamas de inverno, meias, colarinhos, gravatas e lenços, apresentam um aspecto de ordem e arranjo que alegra e encanta. Há as gavetas recheadas dos meninos ricos e as gavetas modestas dos meninos pobres.

Todas, porém, indicam o arranjo e a ordem indispensáveis em todos os cantos do lar.

Pois, meus meninos: Não há o direito de, num momento, desfazer o trabalho metuculoso de algumas horas. E eu sei que os meninos precisam dumas cuecas, duma camisa, dum lenço; chegam à gaveta, puxam pela peça de roupa, desmornando a ruma, que deixam em completa balbúrdia, atirando com a gaveta que fica entreaberta e, muitas vezes, com a roupa entalada.

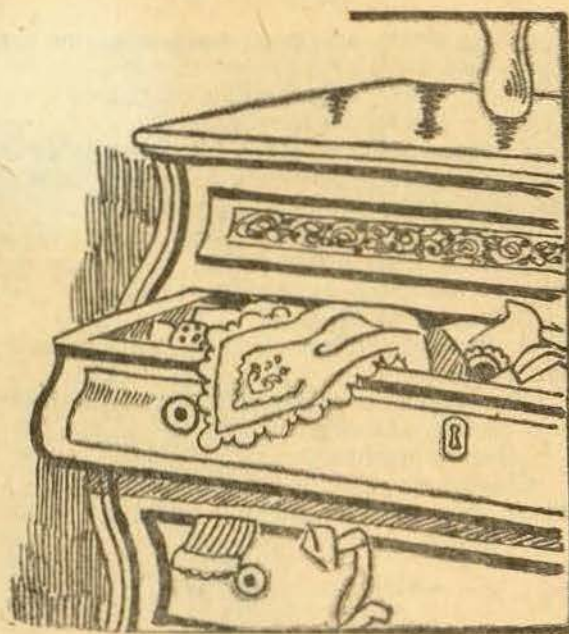
Oh!... O desmazêlo das gavetas mal fechadas!!! O espectáculo desagradável duma gaveta em balbúrdia!!! A lamentável tristeza da roupa amarrotada, da vossa linda roupinha que tanto tempo levou a engomar!!!

Lembraí-vos, meus meninos, de que tudo representa tempo e trabalho.

Sêde, pois, cautelosos, metódicos, ordenados.

E, por hoje, fico-me por aqui

Tenho, porém, a certeza de que, amanhã de



manhã, com todo o cuidado, irão tirar a vossa roupa, deixando as gavetas arrumadas e muito bem fechadinhas...

Olhem que eu tudo sei...

Um beijo a todos, da vossa madrinha

GRACIETTE

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrela—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farol—Luizinha—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garraçada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração. — SAO 104 PÁGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

HISTÓRIA DUMA FIDALGUINHA

POR J. F. S. desenhos de A. CASTANÉ

O que vou contar-vos passou-se em Portugal no ano de 1762. Governava o reino el-rei D. José I.

No convento de Chelas, uma só luz se divisava. Era a da cela da marquês de Alorna, ali encerrada com sua filha Leonor, por ordem do marquês de Pombal, ministro de D. José I, como represália ao célebre atentado cometido pelo marquês de Távora contra o monarca.

Tem a mãe, junto a si, a filha, de oito anos de idade. Mostra-lhe uma tira de papel onde se vêem escritos, a vermelho, alguns caracteres irregulares.

— «Vê estas letras, minha filha?» — segreda a marquês, olhando, desconfiada, para todos os lados.

— «Vejo, sim, minha mãe. E se me não engano...»

— «Sim, não se engana, é de seu avô — (atolhou a marquês, falando mais baixo ainda.) — Repare — (continuou) — na maneira como a côr das letras é viva. Sabe com que foi escrita esta missiva?»

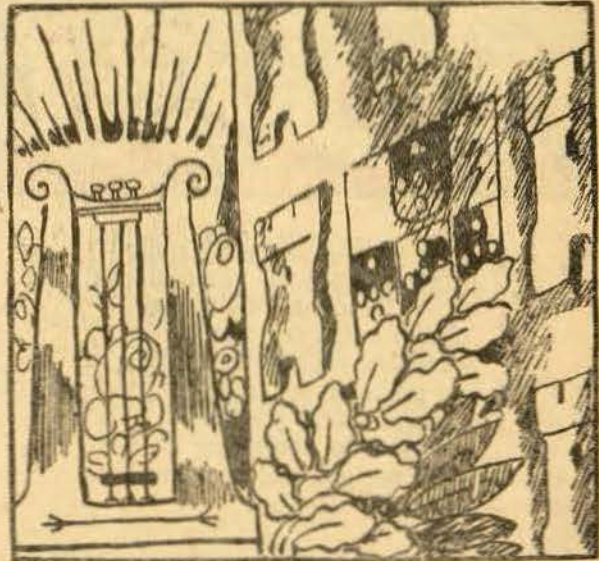
Leonor olhou, assombrada, o papel, e respondeu com visível comoção:

— «Com sangue!»

— «Sim! com sangue! Sangue de meu pai! É a única tinta que obtive no cárcere para onde o atiraram injustamente. Sinto-me cada vez pior. Não posso continuar respondendo a seu avô. Será

— «Sim, minha mãe, compreendo.»

E daí por diante, era ela quem recebia essa perigosa correspondência e enviava as respostas. Carinhosa em extremo para sua mãe, foi Leonor



a menina quem me substituirá. — (Dizendo isto, olhou a filha, fixou-a bem, e concluiu:)

Se a menina disser a alguém que viu este papel ou contar o que ele diz, levará à morte todos nós. Compreendeu bem?»

Por seu turno, a pequena olhou a mãe, ficou calada uns momentos, e respondeu num tom calmo mas enérgico:

quem lhe suavizou os momentos de tristeza provocados pela reclusão. Estudou sôzinha, com extraordinária corágem e fôrça de vontade, filosofia, línguas, música e poesia, aperfeiçoando-se, ainda, nos trabalhos peculiares ao seu sexo.

Sobretudo, a poesia apaixonava-a. Surgiram os seus primeiros versos; depois outros, muitos outros. A um velho amigo de sua família, confia a pequena essas primícias literárias. Achando-as soberbas, o confidente passa o original a outro entendido, e, dentro de pouco tempo, a poetisa de oito anos é querida e admirada como um grande talento precoce.

Três anos após, o grande vate Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio), visita Leonor no convento, ouvindo da sua bôca composições soberbas que o deixam surpreso e enlevado.

Acodem a ouvi-la outros poetas que bem depressa se tornam admiradores. Estava feita a sua consagração.

Aos 26 anos Leonor obteve, enfim, a liberdade.

Sob o título «Poesias de Chelas» publicou todas as produções feitas no seu tempo de menina. Seguiram-se outras obras e todas de tão raro merecimento que o seu nome de D. Leonor de Almeida e o seu gentil pseudônimo de *Alcippe* ficaram famosos, a letras de oiro, na fecunda história da literatura portuguesa.

Não menos gravados ficaram, no coração dos lusitanos, os seus exemplos morais de menina corajosa e obediênte.



AQUELA senhora azenha, com a sua voz roufenha e a sua roda a girar noite e dia, sem parar, sempre, sempre, numa lida, a ganhar a sua vida, afaçava, com jeitinho, a água do ribeirão, por ser ela que, ao passar, a fazia trabalhar.

Quantas vezes, à noitinha, a azenha, que era velhinha, já estava muito cansada, gemia tanto, coitada, que até de longe se ouvia o gemido que gemia.

Hoje por nós... amanhã por vós...

Versos de LAURA CHAVES — Desenhos de CASTANHE

Mas, a água, na levada, corria alegre, estouvada, numa eterna criança, sem se lembrar da velhice da pobre azenha doente... Pois se ela era água corrente, tinha de seguir viagem, dar de beber à folhagem, aos bichinhos mais às flores. «Não se pode olhar às dores que o nosso dever provoca!» Era isso que essa louca cantava de frágua em frágua. «Se amanhã secasse a água, — (murmurava borbulhando, pelos seixos saltitando) — ainda a azenha choraria a inação que sofreria.

Devemos respeito aos velhos, seguir-lhes, mesmo, os conselhos e tratá-los muito bem, nunca esquecendo, porém, ao ouvir os seus lamentos, que os velhos são rabugentos!»

A água era malcriada pois nunca fôra educada. Achava a azenha um tropeço

e, às vezes, narremesso, empregava a toda, fazendo girar da com tanta velocidade que até era um maldade! Lá dentro, as, a moer, cansadinhas a frer, naquele giro tante, tinham de sempre ávante pisando o trigitado, que, em farinha transformado, maldizia a fofatroz com que aquelas mós, de coração tão, o trituravam a.

Enquanto a cantava, a velha azenha orava e as mós e o, gemiam; os moleiros piam não ouvir esse nento nem ver tantamento. Passavam o dia a rir, cheios de gria! Quanto mais penavam mais os moleiros cantavam!

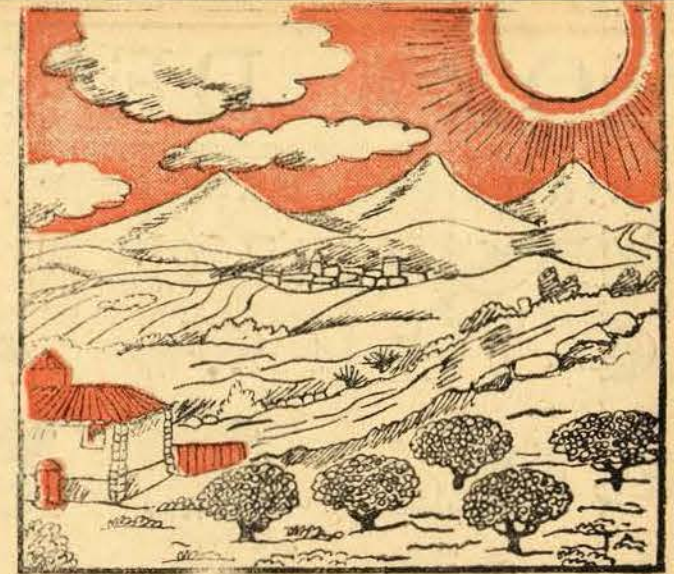
Quando chegoverão foi uma desola!

Fez tanto, tanto calor que tisonou a erva e a flor. Mesmo a água da ribeira secou duma tal maneira que, em seu leito, só se via um fiozinho que corria.

Com tal seca demorada, a azenha estava parada. Ela, sob o sol ardente, murmurava docemente: — «Já estou velha, pouco valho, e, assim, com tanto trabalho, sabe-me bem o descanso! Ai que bom que é o ripanso!» E ria a bôa velhinha, tão contente, — coitadinha! —

As mós mais o trigo, então, conversavam muito «à mão». Diziam as mós ao trigo: — «Como a vida é bela, amigo! Bendito seja o Senhor que nos deu tanto calor, este solzinho, tão quente, que trouxe o repouso à gente!

E enquanto eles conversavam, riam e tagarelavam,



satisfeitos, prazenteiros, que faziam os moleiros, vendo o engenho assim parado, o trigo sem ser pisado e sem terem um vintém para a vida governar?... Chegou-lhes a vez também... e puzeram-se a chorar!

A moral do que escrevi não é falsa, não é vã. Pensem: — «Quem hoje se ri, pode chorar amanhã.»

■ FIM ■

Os caprichos de "Zézinho"



I — O pequenino José, com a maior das rudezas, chora e faz grande banzé, pedindo ao pai que lhe dê um par de meias à inglesa.



II — Meias de tipo escossês, tal e qual como as que tem um seu amiguinho inglês, com quem brinca muita vez e que lhe ficam tão bem!



III — «Quero as...!» O fedelho pede em ge berraria, sem ouvir um conselho, tal como o velho aparelho da rádio-terra.



IV — Com maneiras educadas, logo o pai dele intervém: — «As pessoas ponderadas devem pensar — ouve bem — em coisas mais elevadas!»



V — Ouvindo tal asserção, Zézinho diz: — «Com certeza, tu, afinal, tens razão!... (E acrescenta logo:) — Então, eu quero um chapéu à inglesa!»

PROBLEMA CHARADAS EM FRASE

O semblante deste macho, encara uma linda serra portuguesa. -2-2.
 Deste poético canto se contempla uma bela terra de Portugal. -2-2.
 Este homem dá nesta nota musical todo um rio português. -1-1.
 Eu olhei esta mulher tocando uma nota de música num solar feudal desta cidade
 minota. -1-2-1-3.
 Foi com escandalosa notoriedade que soletrei o nome dum animal oriundo desta
 terra algarvia. -2-1-1.
 Com esta veste opulenta, entrei numa linda praia portuguesa. -2-2.

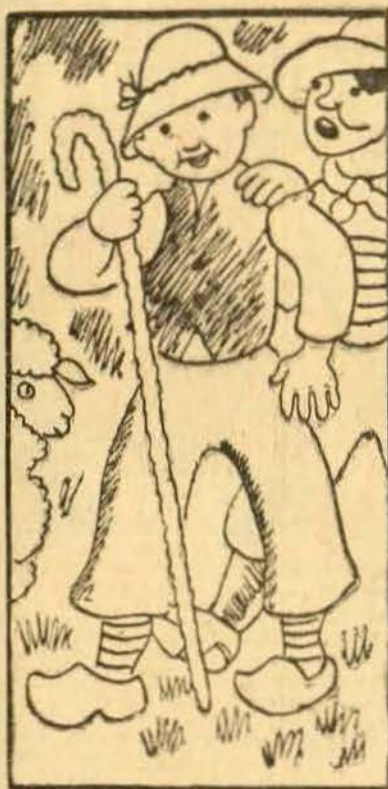
Solução das anteriores: -1-Sacavem. 2-Memória. 3-Tornozelo. 4-Marcolina. 5-Leprosa

Charadas combinadas

- | | | |
|---------------------------|------------------------|------------------------|
| + ma - Leito | + ca - Desporto | + ma - Lodo |
| + to - Animal roedor | + ma - Leito | + to - Paladar |
| + lo - Nome masculino | + ma - Senhora | + co - Páu de bilhar |
| Concelto: - Peixe | Concelto: - Peixe | Concelto: - Peixe. |
| + to - Ave | + ma - Leito | + to - Ave |
| + co - Páu de bilhar | + co - Bocado | + to - Ave |
| + vo - Apito | + ta - Nome feminino | + ta - Instrumento |
| + ta - Pingo | + co - Vazio | + co - Vazio |
| Concelto: - Ave | Concelto: - Ave | Concelto: - Ave |
| + co - Repercussão do som | + ma - Leito | + ro - Passeio |
| + la - Pecado mortal | + o - Lástina | + to - Animal roedor |
| + la - Filha | + ta - Rumo | + to - Veste |
| Concelto: - Quadrúpede | Concelto: - Quadrúpede | Concelto: - Quadrúpede |

Decifração das anteriores: -1-Chavena. 2-Terrina. 3-Travessa. 4-Fogareiro. 5-Frigideira. 6-Assadeira. 7-Tenaz. 8-Faca. 9-Anel. 10-Copo. 11-Jarro. 12-Cális.

PARA OS MENINOS COLORIREM



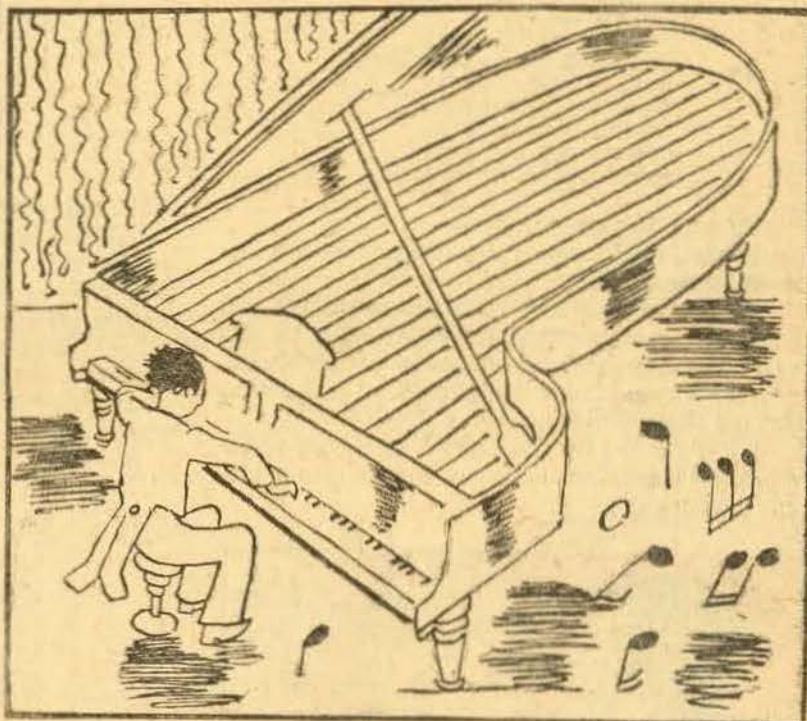
Certo dia, um pastor disse a um outro:

- «Se me desses uma ovelha, o meu rebanho ficaria com o mesmo número de ovelhas que o teu.

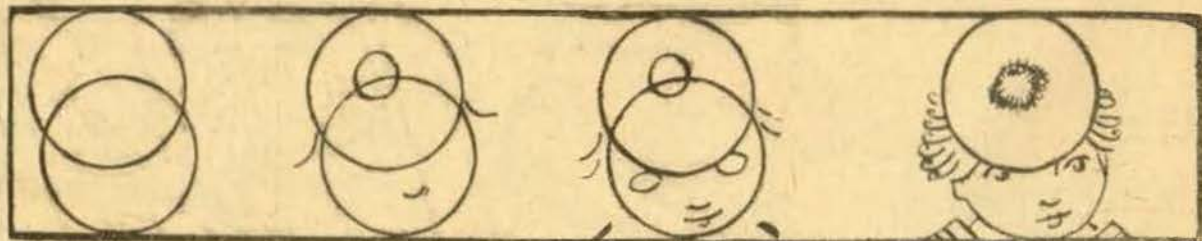
Então, o outro respondeu:

- «Lá isso, não! A ti, mais uma ovelha ou menos uma, pouca diferença te faria. Dá-me tu uma ovelha a mim e eu ficarei com o dobro das tuas ovelhas.»

Quantas ovelhas tinham os pastores!



LIÇÃO DE DESENHO



COMO SE DESENHA UM MENINO COM UM «BONNET» DE MARINHEIRO FRANCÊS



(Continuação da pag. 6)

exclamei, um tanto escandalizada pela forma imprevista como ele me punha a andar.

— « Tu verás! Tu verás! »

Com que artes lhes falarei,
as manhas que empregarei,
p'ra que de mim vão gostar.
P'ra isso vou trabalhar!...
Como ando sempre em viagem,
trago na minha bagagem,
um milhão de historietas,
mil ditos e muitas trêtas,
para entreter os meninos
e para lhes dar ensinios!

Eu olhava-o, muito indecisa.

E ele, dando uma cambalhota e, com muita risota, acrescentou:

Parece-me que não acreditas em mim e não concordas com a minha proposta? Olha, se não vês nisso inconveniente, façamos um plebiscito, queres? Vamos a ver o que pensam os amiguinhos leitores desta substituição. » —

Caí em mim. Eu não tinha o direito de impedir que vocês todos tomassem conhecimento com um personagem



tão sabedor
como um doutor,
tão divertido,
tão instruído,
com tantas manhas,
tantas patranhas,
conhecimentos,
vários talentos,
p'ros distrair
e instruir!...

E, vai, então, respondi-lhe, já convencida:

— « Está bem, Anão Sabichão, daqui em diante, serás o meu substituto. Em meu lugar virás, aqui, falar com os leitôrsinhos do *Pim-Pam-Pum*. Fio-me nas tuas promessas! » —

— « Ainda queria que me fizesses um favor — (tornou o Anãosinho) — Dizias, da minha parte, umas palavrinhas aos meninos a quem estás escutando? » —

— « Pois não! Estou ao teu dispor! » —

E escrevi, então, isto que ele ditou:

— « A quem lê o *Pim-Pam-Pum*, a quem fui apresentado, não deixo, de modo algum, de dizer: — Muito obrigado! Até á próxima vez, que falarei com vocês. Com um aperto de mão, do bom Anão Sabichão. — »



■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

1924